

IDEIAS E PALAVRAS, SIGNOS DAS COISAS EM JOHN LOCKE

Fr. Kater Vinicius dos Santos¹

RESUMO: A filosofia moderna é caracterizada pela busca de um método seguro para o conhecimento. As duas correntes que se destacaram pelos seus métodos foram a racionalista e a empirista. John Locke, filósofo empirista inglês, afirmou que o entendimento é uma folha em branco e que somente a experiência poderia abastecê-la de ideias. As ideias são percepções recebidas pelos sentidos advindas dos objetos. Elas são signos dos objetos, e as palavras, por sua vez, signos das ideias que o entendimento possui. Ambas, ideias e palavras, revelam um distanciamento com a coisa, entretanto elas devem ser aperfeiçoadas para o progresso do conhecimento. A metodologia deste trabalho é de caráter qualitativo bibliográfico e se fundamenta no “Ensaio acerca do entendimento humano” de Locke e comentadores desta obra, como Ayer, Tadié, Sheridan, Yolton, se divide em três partes; iniciando pela elaboração da teoria das ideias, que resulta, na segunda parte, a formação da linguagem, e se conclui no desenvolvimento do conhecimento na perspectiva lockiana.

PALAVRAS-CHAVE: Locke. Ensaio. Ideia. Palavra. Conhecimento.

RÉSUMÉ: La philosophie moderne se caractérise par la recherche méthodologique sur le connaissance. Les deux chaînes qui se démarquent par ses méthode étaient le rationalisme et l'empirisme. John Locke philosophe empiriste Anglais affirmé que la compréhension est une feuille vierge et que seulement l'expérience pourrait lui fournir des idées. Les idées sont perceptions reçus par les sens de l'objet. Elles sont des signes de l'objet, et les mots sont signes de les idées de la compréhension. Les deux, les idées et les mots révèlent une distance avec la chose, cependant, eles doivent être perfectonné pour le progrès de la connaissance. La méthodologie de ce travail est qualitatif bibliographique et est base dans le “Essai sur la compréhension humaine” de Locke et commentateurs de ce travail comme Ayer, Tadié, Sheridan, Yolton, il est divisé en trois parties; en commençant par l'élaboration de la théorie des idées, qui aboutit, dans la deuxième partie, à la formation du langage et se termine au développement de la connaissance dans la perspective lockienne.

MOTS-CLÉ: locke. Essai, idée. Mot. Connaissance.

¹ Frei Capuchinho. Bacharelado do segundo ano de filosofia da faculdade Vicentina de Curitiba. Contato: katerkatuaba@gmail.com

INTRODUÇÃO

John Locke (1632-1704) foi o fundador do empirismo crítico, e se posicionou contra qualquer princípio inato. Em sua obra “Ensaio acerca do entendimento humano (1689)”, dividida em quatro livros, dedica o primeiro livro, ao combate dessas ideias inatas, pela evidência que nem as crianças nascem com algum conhecimento, como nem as diversas culturas possuem princípios inatos especulativos ou práticos, que as guiam de uma única maneira delimitando o agir moral. Ao observar as diferenças culturais, os diferentes tipos de entendimento e negando os princípios cartesianos, Locke procura um novo método para alcançar o conhecimento, a experiência.

O artigo pretende apresentar a construção da filosofia de John Locke em seu “Ensaio”², a formulação do conhecimento, que é fundada nas ideias e nas palavras a partir de uma relação existente entre elas, averiguando suas limitações, tendo presente a necessidade das relações entre o sujeito e o mundo, a mente e a linguagem.

O objetivo de Locke, no “Ensaio”, é compreender o que é o conhecimento. Ele percebe que as palavras são extremamente importantes para este fim. Há neste tratado, tanto uma teoria do conhecimento a partir dos conteúdos mentais (as ideias), quanto uma preocupação sobre a utilização e a formulação da linguagem. O “Ensaio acerca do entendimento humano” de Locke é a referência principal do presente artigo, juntamente com alguns comentadores desse filósofo, como Ayers, Sheridan, Tardié e Yolton.

1. TEORIA DAS IDEIAS DE LOCKE

Locke, na primeira parte do seu “Ensaio”, inicia se opondo a teoria das ideias inatas especulativas e práticas. Assim ele estabelece uma nova teoria do conhecimento fundamentada na experiência sensível. Mudando a origem do conhecimento, Locke quer demonstrar como este é possível. Por este motivo, no segundo livro do “Ensaio”, Locke elabora uma teoria sobre “as ideias”, no terceiro livro se preocupa com “as palavras”, e no quarto livro, “o conhecimento e opinião” que se fundamentam nas ideias e nas palavras (TADIÉ, 2005, p. 29).

² A palavra “Ensaio” será utilizada para resumir o nome da obra de Locke “Ensaio acerca do entendimento humano”.

“O desejo de Locke é investigar o que a capacidade humana através dos sentidos pode obter, quer verificar o limite do entendimento” (REALE, ANTISERI, 2004, p. 93). É por meio do contato entre o sujeito e o objeto que a razão é abastecida pelos materiais do pensamento que são denominadas ideias:

De onde apreende todos os materiais da razão e do conhecimento? A isso respondo, numa palavra, da experiência. Todo o nosso conhecimento está nela fundada, e dela deriva fundamentalmente o próprio conhecimento. Empregando tanto os objetos sensíveis externos como nas operações internas de nossas mentes, que são por nós mesmos percebidas e refletidas, nossa observação supre nossos entendimentos com todos os materiais do pensamento. Dessas duas fontes de conhecimento jorram todas as nossas ideias, ou as que possivelmente teremos. (LOCKE, 1973, p. 27)

94

As fontes pelas quais as ideias são adquiridas são os sentidos externos, audição, olfato, paladar, tato e visão e o sentido interno ou a reflexão, que é a percepção das ações internas do entendimento, tais como o pensamento, a dúvida, o acreditar, o raciocinar, o conceber, o querer e qualquer outra atividade do entendimento.

Pela fonte da sensação se obtém as ideias pela relação extramental entre o sujeito e objeto. Pela reflexão as ideias só podem ser adquiridas quando o sujeito se volta para si mesmo. É crucial para se adquirir as ideias de ambas as fontes, a percepção, como afirma Locke (1987, p. 29) “perguntar quando um homem começa a ter quaisquer ideias equivale a perguntar quanto começa a perceber”.

Locke (1973, p. 29) aponta que as ideias vindas da reflexão são posteriores das vindas pela sensação. No caso das ideias da reflexão elas não podem ser geradas por um objeto extramental. Locke, também percebe que existe no homem uma tendência natural de buscar se familiarizar com o mundo exterior, o que faz, que o sujeito raramente reflita sobre o que ocorre dentro de si. Sobre a reflexão, há uma desatenção sobre suas operações e capacidades por parte do sujeito.

Condillac, filósofo francês (1714-1780), ao escrever seu *“Essai sur l’origine des connaissances humaines”* faz algumas críticas a teoria de Locke, mas afirma, como ele, o papel da percepção e da atenção na formação da ideia. Na perspectiva de ambos, a formação da ideia resultará melhor, quando a atenção é dirigida a um objeto, por um espaço de tempo. Pois de outro modo a ideias se tornam fracas e de difícil recordação (ADELL, 2016, p. 30).

A ideias no entendimento possuem uma natureza diferente daquela que é demonstrada pela experiência com o objeto extramental. David Hume (1973, p. 134), distingue as ideias da mente em duas classes ou espécies devido a diferença de seus graus de força ou vivacidade na mente, por meio de dois termos, a saber, impressão e ideia. As ideias seriam menos fortes ou vivazes no entendimento, enquanto as impressões, que acontecem na experiência imediata são mais vivazes pois acontecem quando no ato de se ouvir, se ver, sentir. A experiência se distingue das ideias posteriores pela vivacidade, pois na consciência a ideia é sempre menos vivaz, mais fraca, enquanto a ideia que se dá na experiência é mais vivaz, entendendo que nunca o sujeito tem um contato imediato com o objeto mundano, mas somente o alcança pelas ideias.

1.1 IDEIAS SIMPLES

É o objeto que tem o poder de provocar nos sentidos as percepções e o entendimento elabora as ideias. De um objeto obtemos diversas ideias simples. Sheridan (2010, p. 28) explica que a melhor descrição da teoria de Locke é composicionalista, ou seja, quando rotineiramente se pensa em uma árvore, não se tem uma única ideia, e sim, diversas ideias simples que revelam ao entendimento inúmeras características fundamentais. Sheridan aplica a teoria composicionalista no exemplo de uma rosa:

Para ilustrar a simplicidade das ideias experienciais, considera a ideias de uma rosa. Ela pode parecer ser a ideia singular de um objeto particular, mas na verdade é uma ideia composta a partir de uma complexidade de ideias simples. Se analisarmos cuidadosamente a ideia de uma rosa, podemos identificar as várias ideias simples e sua fonte na experiência: a ideia de vermelho, que vem da visão; a ideia de suavidade, do tato; a ideia do perfume, do olfato; e assim por diante. Cada uma dessas ideias entra na mente como uma percepção distinta.

As ideias simples ou fundamentais são adquiridas de quatro modos. Em primeiro lugar, por um único sentido, como para o olfato, os cheiros; ao paladar, os gostos; a aspereza ou maciez, frio e calor, ao tato; as cores pela visão; e para a audição, os sons. Em segundo lugar, por dois ou mais sentidos, como a forma, o movimento, e o espaço, que são ideias dadas pelo tato e a visão. Em terceiro lugar, apenas pela reflexão, como a percepção, a vontade, o pensar.

E por último, pelos sentidos e a reflexão, tais como prazer e dor, existência, poder e unidade. (LOCKE, 1987, p. 34).

As ideias vindas pelos sentidos e a reflexão se encontram associadas a outras ideias, e não subsistem sem elas. No caso as ideias de prazer e dor, elas sempre estão associadas a uma outra ideia vinda da sensação ou da reflexão, “sendo raras as impressões de nossos sentidos externos, ou os pensamentos solitários de nossa própria mente, incapazes de nos ocasionar prazer ou dor” (LOCKE, 1987, p. 41). Para as ideias de existência e unidade, o entendimento sugere para cada objeto externo e para cada ideia interna estas duas ideias.

As ideias simples não podem ser divididas. De uma porta se obtém a ideia de cor e da forma, mas da própria cor não é possível fazer uma nova divisão. Locke classifica as ideias simples em primárias e secundárias. As ideias simples primárias são uniformes e não apresentam variação ou diferença, são obtidas por mais de um sentido, como a ideia de forma, e por apresentarem esta permanência são denominadas também objetivas. As ideias simples secundárias são também denominadas subjetivas, pois há uma variação na percepção da mesma ideia, e se formam devido a circunstância, a partir de um único sentido. Tadié (2005, p. 97) comenta este aspecto:

As qualidades secundárias, ao contrário, não estão presentes nos objetos, mas são simplesmente a faculdade de produzir sensação em nós (cores, sons, etc.), por intermédio das qualidades primárias. A cor, por exemplo, não está presente em um objeto, mas resulta de uma reflexão da luz.

As ideias simples subjetivas apresentam um problema, elas aparentam ser, mas são efeitos de alguns fatores. Locke defende que os sentidos dão a certeza da existência do objeto no mundo, mas não conseguem efetivamente apresentar o que de fato, o objeto é. Há uma elaboração do entendimento na formação das ideias. Tadié (2005, p. 115) define que a ideia, conteúdo mental, é o efeito produzido por um objeto extramental sobre o entendimento e a modificação que o entendimento exerce sobre a percepção dele.

O homem interage com o objeto apenas por meio dos cinco sentidos e recebe do objeto somente o que ele pode provocar. Para Locke os objetos emitem corpúsculos que formam as sensações, a partir dos fenômenos por eles provocados, o entendimento formula as ideias. Tadié (2005, p. 152) destaca que:

Nosso conhecimento, que depende unicamente de nossas ideias, está, portanto, limitado pela natureza delas e pelo fato de que o entendimento não pode ter um conhecimento das coisas sem a intermediação das ideias. A teoria corpuscular, da qual Locke diz várias vezes que não é senão a hipótese mais clara para dar conta das qualidades dos corpos, não é de modo algum um conhecimento certo. As causas das propriedades das coisas nos são desconhecidas, pois ignoramos, de um lado, sua essência real e, de outro, a maneira pela qual os corpúsculos provocam os fenômenos observáveis.

Sheridan (2010, p. 31) apresenta uma interpretação padrão deste processo da formação da ideia chamado de tese “representacional”. Nessa teoria as ideias apresentadas por Locke são intermediárias entre o objeto extramental e a mente consciente que o percebe. Há uma tríplice percepção: o objeto, a mente e a ideia do objeto criada na mente. “Nesta leitura, Locke pensa as ideias como coisas causadas por algum objeto extramental e que representam esse objeto para a mente de alguma forma” (SHERIDAN, 2010, p. 31).

Para exemplificar como as ideias são formadas segundo a teoria representacional, Sheridan (2010, p. 31) afirma que a “ideia é um tipo de retrato do mundo mental do objeto mundano, e o preceptor só tem consciência imediata da ideia”. Em uma maçã, o preceptor tem a ideia de vermelho a partir deste processo, mas não alcança no objeto mundano o que provocou a ideia de vermelho. As propriedades do objeto extramental não são acessíveis pela percepção, somente as ideias (SHERIDAN, 2010, p. 32).

No processo de percepção das ideias, se deve ter em mente que, a ideia não é idêntica ao objeto que a provocou. Para a física, os fenômenos naturais, tais como a luz, o calor, o som, são explicados como movimentos ondulatórios. As cores, resultado de uma refração da luz nos objetos, nesta perspectiva, são definidas por uma frequência e por um comprimento da onda. Um exemplo, é a cor azul, que é cientificamente definida na frequência $606\text{-}668\text{ THz}^3$ e pelas ondas de comprimento $450\text{-}495\text{ nm}^4$. Entretanto, o homem através da visão tem um conhecimento diverso daquilo que explica a física. Ele vê o azul e não a onda. Os sentidos não conseguem acessar o que provocou as sensações, no caso das cores, os movimentos ondulatórios. Eles se limitam aos resultados, ou seja, a cor (RUSSELL, 1980, p. 58).

³ Símbolo da frequência terahertz.

⁴ Símbolo de nanômetro.

O que se conhece do objeto, é uma descrição de ideias que o compõe. Mas, da coisa real, não se tem nenhum conhecimento. Não é possível ter consciência direta do objeto real, só de suas sensações, os “dados-sensíveis que são ocasionados por um objeto físico” (RUSSELL, 1980, p. 87).

1.2 IDEIAS COMPLEXAS, MODOS, SUBSTÂNCIAS E RELAÇÕES

As ideias que o entendimento possui estão na memória. Ela seria um grande depósito onde as ideias simples são recebidas de modo passivo e ficam armazenadas. Os objetos que são uma junção de ideias simples são denominados de ideias complexas, tais “como beleza, gratidão, homem, exército, universo”. Ainda que eles se manifestem como uma unidade no entendimento é possível segregar as partes, que levarão a um conjunto de ideias simples, podendo, deste modo, verificar cada uma de modo distinto. É a mente que elabora as ideias complexas e que as percebe em um determinado objeto como em uma unidade. Esta percepção se dá para Locke (1987, p. 51) pelos poderes da mente sobre as ideias simples que são três:

1. Combinando várias ideias simples para formar uma composta, originando, assim, todas as ideias complexas; 2. Reunindo duas ideias (simples ou complexas), e regulando reciprocamente a fim de ter imediatamente uma visão delas, sem, contudo unifica-las numa, obtendo por este meio todas as suas ideias de relações; e 3. Separando-as de todas as outras ideias que lhe estão incorporadas em sua existência real mediante a abstração; deste modo a mente forma todas as suas ideias gerais.

As ideias complexas podem ser compreendidas em três grupos: modos, substância e relação. As ideias complexas denominadas modos são simples ou mistas. Os modos simples estão contidos no limite das ideias simples. Elas são uma combinação de uma mesma ideia simples várias vezes, um exemplo é a ideia de “dezena” que é a junção de dez “unidades”. Os modos mistos, ou compostos, são a junção de diversas ideias simples diferentes, tais como a ideia de beleza que é resultado da soma da ideia de forma com a ideia de cor (YOLYON, 1996, p. 164).

Os modos mistos, como todas as outras ideias, provocam também a sensação de prazer que se torna essencial para o conhecimento. É por meio dessas sensações que os homens não permanecem ociosos. O prazer ou a dor mo-

vimentam os homens. Estas sensações estão anexadas aos objetos e as ideias em vários graus diferentes (LOCKE, 1987, p. 41).

As ideias complexas de substância são resultado de um trabalho realizado pela reflexão. Ela ao se deparar com um conjunto de ideias simples que constantemente aparecem unidas, e que supostamente pertencendo a um único objeto, entende um “*substratum*”. Algo que permita, que estas ideias simples, que compõem o objeto, subsistam juntas (YOLTON, 1996, p. 264). O entendimento não possui uma ideia clara sobre o que é a ideia de substância, a não ser pelo conjunto de ideias simples, ou ainda, acidentes, que coexistam juntas. A ideia de substância se divide entre singulares, que se referem a um grupo de seres particulares como a ideia de “homem”; e coletivas, como a ideia de “exército de homens” (LOCKE, 1987, p. 52).

O terceiro grupo das ideias complexas são as ideias de relações, que surgem pela comparação ou a relação de uma ideia com outra. Um exemplo seria a seguinte proposição “a garrafa está sobre a mesa” indicando o lugar que ocupa cada objeto nesta relação. Outro exemplo seria “a garrafa é menor que a mesa”, que indica o tamanho de cada objeto nesta comparação. Locke exemplifica as ideias complexas de relação por meio de adjetivos. Um homem pode ser “inimigo” de outro, como também pode ser “marido” de uma mulher. Estes dois adjetivos indicam as relações que este homem estabelece com o outro. O adjetivo “inimigo” indica uma relação de desavença entre dois homens, e “marido” que aponta um compromisso de um homem com uma mulher (LOCKE, 1987, p. 77).

No entendimento as ideias complexas são gerais ou abstratas, ou seja, não se limitam em particularidades de cada objeto. Os “acidentes” são eliminados pela abstração. Para Yolton (1996, p. 123) o que o entendimento possui é uma imagem limitada do objeto. Tadié (2005, p. 111) comenta o que seria uma ideia abstrata em um triângulo:

Por exemplo, uma ideia abstrata de um triângulo é uma imagem indeterminada que só encontra sua determinação quando se aplica à ideia de um triângulo particular. Nesse sentido, certas ideias, em especial as ideias abstratas, são imagens consideradas apenas sob certos aspectos.

Tadié (2005, p. 111) expressa que uma ideia para Locke pode possuir clareza ou não em certos aspectos. O exemplo usado por ele é a figura de um

quiliângono, figura geométrica que possui cem lados iguais, que “nada garante efetivamente que eu tenha uma imagem precisa de um quiliângono presente em minha mente”, mas isso não significa, que não se tenha algumas ideias sobre ele.

As ideias são o resultado da relação entre o objeto e a mente. O sujeito só tem um contato mediado pelas ideias com a realidade extramental. O objeto tem o poder de produzir ao homem certas percepções, e o entendimento a capacidade de eliminar particularidades e elaborar ideias gerais, ideias que por um lado são claras e por outro lado obscuras. O que existe para Locke é o objeto particular, e suas percepções podem ser observadas em outros objetos da mesma espécie.

As ideias revelam as coisas, são signos delas. Elas atestam a existência extramental dos objetos, ainda que não revelem o que é o objeto totalmente. São os conteúdos do entendimento recebidos pela relação sujeito e objeto. Elas direcionam o sujeito para os objetos e juntamente com as palavras são bases do conhecimento para Locke.

2. PALAVRAS, UM MEIO DE EXPRESSAR AS IDEIAS

Locke, no “Ensaio”, observa que entre as ideias e as palavras há uma relação próxima, ambas são indispensáveis para o conhecimento. É por causa do conhecimento que ele elaborou no segundo livro detalhadamente sua teoria fundada na experiência que gera as ideias. E no terceiro livro ele dedicou seu pensamento ao estudo da linguagem.

[...] para se discorrer sobre o conhecimento, é necessário, antes, deter-se à análise da linguagem e, por extensão, das palavras, instrumento por meio do qual aquele pode ser comunicado. E é essa a justificativa para Locke se dedicar à natureza e ao uso das palavras no livro III. (MOREIRA, 2017, p. 35)

Existe entre a filosofia e a linguagem uma relação antiga. Sócrates utilizava o diálogo como uma ferramenta para chegar ao conhecimento, “dialogar com Sócrates levava a um “exame da alma” e a uma prestação de contas da própria vida, ou seja, a um “exame moral” (REALE, ANTISERI, 2003, p. 100). Para Marcondes (2001, p. 96), a linguagem continua tendo uma importância central para a filosofia, por dois aspectos; em primeiro lugar enquanto instrumento

da filosofia; e em segundo lugar, por ser o objeto de investigação da filosofia linguística na comunicação.

Na filosofia de Locke (1987, p. 89) a linguagem é o instrumento mais notável para tornar o homem uma “criatura sociável”. Ela permite o convívio civilizado e é um instrumento para o progresso do conhecimento. A linguagem é uma elaboração do homem, assim como as ideias. Sheridan (2010, p. 79) descreve que para Locke a linguagem por ser uma construção humana contém arbitrariedade em sua formulação e não traz nenhuma capacidade de dar ao entendimento o esclarecimento sobre a essência das coisas⁵.

Existem dois tipos de sinais que se entendem como marcas de algo; são as ideias e as palavras (MOREIRA, 2017, p. 49). As ideias são sinais das percepções e as palavras sinais das ideias, ambas formadas com arbitrariedade, afastando o sujeito do objeto como de fato é. Mesmo sendo arbitrariamente elaboradas, sem as palavras não seria possível dizer nada sobre as coisas, pois as palavras só podem transmitir o que as ideias podem apresentar (MOREIRA, 2017, p. 65).

Para Locke “é por intermédio das ideias que a linguagem fala do mundo” (TADIÉ, 2005, p. 183). As palavras sempre se referem a realidade intermediada pelas ideias, e as ideias não estão separadas do mundo, elas são fornecidas por ele. As palavras dependem das ideias sensíveis para serem apreendidas. As ideias são desenvolvidas pela reflexão em significações que se tornam acessíveis por meio das palavras (MOREIRA, 2017, p. 47).

Há uma necessidade relacional entre o mundo exterior e o entendimento, os sentidos e a linguagem. “Sem a experiência não há comunicação” (MOREIRA, 2017, p. 48). Para Locke (1987, p. 91) as palavras são:

[...] em seu significado primário e imediato, nada significam senão as ideias na mente de quem as usa, por mais imperfeita e descuidadamente que estas ideias sejam apreendidas das coisas que elas supostamente representam.

Ele aponta na definição de “palavras”, que as ideias, das quais elas são sinais, podem estar na mente de modo imperfeito. A má elaboração das ideias é prejudicial na compreensão das palavras, já que a principal função das palavras, para

⁵ Esta posição de Locke é contrária ao pensamento apresentado pelo personagem Crátilo, que também é o nome do livro de Platão, que defende uma língua originária, na qual o nome da coisa, traria em si o conhecimento da substância da coisa, sua essência. Assim a palavra indicaria o que a coisa é e faz (PLATÃO, 2001).

Locke (1987, p. 92), é a capacidade de estimular certas ideias como se fossem a própria coisa. As palavras resultam de um som que é associado a uma ideia pela mente. Assim, ao ouvir este som, se o objeto de fato foi suficientemente percebido, trazem a mente as ideias do objeto (LOCKE, 1987, p. 94).

Devido a conexão entre a palavra e a ideia, as palavras só podem provocar no entendimento a ideia a qual se refere, e nunca produzir uma nova ideia, que já não tenha sido percebida, principalmente no caso das ideias simples (FADINI, 2005, p. 183). Locke (1987, p. 38) argumenta sobre a impossibilidade de descrever as ideias simples que “não seríamos mais bem sucedidos do que ao tentar clarear a escuridão da mente de um cego falando-lhe e descrevendo-lhe as ideias de luz e cores”.

Em sua teoria sobre a linguagem, Locke, percebeu um problema entre os diversos idiomas, já que em algumas línguas existem termos que em outra não há um correspondente exato (MOREIRA, 2017, p. 93). Isto ocorre pois alguns povos sentiram a necessidade de formular ideias complexas e nomeá-las, coisa que não ocorreu em outros povos (LOCKE, 1987, p. 105).

2.1 COMUNICAÇÃO

Em um discurso, pode-se apresentar diversas palavras, sem se ter as ideias exatas, as quais as palavras em si foram devidamente associadas. Esse discurso para Locke se igualaria a uma criança, que questionada sobre alguma coisa que não conhece, responderá “é algo”. Assim qualquer palavra sem uma associação a uma ideia clara trará ao entendimento uma imagem escura (LOCKE, 1987, p. 74).

Do mesmo modo que o entendimento pode negligenciar a clareza da ideia para a associa-la a uma palavra, Sheridan (2010, p. 81) comenta que em um diálogo pode haver uma falha na compreensão entre o interlocutor e o receptor, devido as definições que cada entendimento tem das palavras usadas. O interlocutor raramente se preocupa, se de fato, as palavras utilizadas por ele, que se referem as ideias que ele possui, fruto de sua experiência, são iguais na mente do outro. Uma palavra pode significar uma ideia para o receptor e outra ideia para o interlocutor. E o resultado dessa comunicação será um desentendimento de ambas as partes. A ideia de ouro por exemplo, para uma criança pode representar simplesmente a cor amarela e para outra além de conter a característica de ser amarela também possuir a ideia de solidez e de ser pesada. Assim, uma palavra pode trazer diversas ideias que não confirmam

entre os entendimentos, devido à falta de um conhecimento empírico da ideia e de suas propriedades.

No uso da linguagem há mais palavras gerais que particulares. As palavras particulares se referem ao nome próprio e os gerais a espécie e substância. Isto ocorre, segundo Locke (1987, p. 89), para evitar a possível confusão que a multiplicação de nomes particulares poderia gerar, além de simplificar o discurso, já que uma palavra geral abrange diversos seres particulares quanto uma junção de ideias. Todos os pormenores do sujeito devem ser contidos na ideia geral e este é o critério para a elaboração dos termos gerais.

Das ideias complexas compreendidas pelos nomes homem e cavalo, excluindo-se apenas os particulares em que diferem, e retendo apenas os aspectos concordantes, formando disso uma nova ideia complexa distinta, que recebe o nome de “animal”, obtém-se, assim, um termo mais geral que compreende, além do homem, diversas outras criaturas. (LOCKE, 1987, p. 96)

Para Tadié (2005, p. 180) não seria possível a mente humana ter um nome para cada ideia particular que correspondesse a um objeto singular, e ainda que só existissem termos particulares, eles não possibilitariam a comunicação pela dificuldade de descrição de cada ideia, sendo que algumas ideias só podem ser adquiridas pela experiência e não pela descrição.

A utilização de termos gerais garante a fluência do diálogo que, em vez de utilizar um nome para cada coisa de um quintal, reduz todas elas a palavras como “flor” ou “arbusto”. Essa característica do pensamento de Locke revela seu compromisso com o nominalismo⁶ ao esclarecer o motivo da comunicação ser fundada em termos gerais, que são ideias sem existência extramental, que por sua vez foram elaboradas a partir de seres extramentais particulares (SHERIDAN, 2010, p. 83).

Os termos gerais não possuem para Locke existência no mundo, são elaborações da mente humana. Para ele é importante salvaguardar o trabalho do entendimento de abstrair do objeto particular seus acidentes e as relações que este possui com o tempo e o espaço onde ele se encontra, resultando em uma ideia sem existência extramental.

⁶ Doutrina filosófica que afirma a irrealidade e o caráter abstrato dos universais (conceitos, termos abrangentes e ideias gerais) (ABBAGNANO, 1998, p. 715)

2.2 A ELABORAÇÃO DAS PALAVRAS DE IDEIAS SIMPLES E COMPLEXAS

O que ocorre na formulação de um termo geral, acontece com as ideias de substância, pois a palavra, que está ligada à ideia formada pelo entendimento não possibilita um conhecimento total do objeto, que é por definição incognoscível (TADIÉ, 2005, p. 197). A palavra “homens” entendida como termo geral, consegue abranger todos os seres que possuem características comuns, sem, todavia, indicar um específico, e sem poder demonstrar em si as possibilidades de acidentes existentes nestes indivíduos, se são altos ou baixos, brancos ou negros, gordo ou magros.

Nas ideias de substância e espécie há uma negação de algumas ideias normalmente definidas como acidentais e a permanência de outras que seriam “essências”, como no caso da palavra “homem” a capacidade de raciocinar, é essencial, mas o ser loiro ou moreno, é acidental. O que permite que todas as ideias simples, que formam as ideias complexas de substância e espécie fiquem juntas, é a palavra. É ela que traz intrinsecamente a composição essencial, ou aquilo que é necessário, para que o ser seja parte dessa espécie ou substância:

Embora seja a mente que faça essa combinação, é o nome que, como se fosse um nó, as aperta juntas. Que variedades de diferentes ideias reúne a palavra “triunfo”, e no-las transmite como uma espécie (LOCKE, 1987, p. 106).

As palavras que significam ideias simples não necessitam de um nó, pois elas não possuem modo de descrição melhor que a experiência. A maioria não possui nome, como por exemplo o gosto de uma maçã que é reduzido a “doce” ou o cheiro de uma flor de “agradável”. Tadié (2005, p. 184) comenta que o único modo de dar significação de uma ideia simples é apontar no mundo onde encontra-la ou levar o receptor a experiência com o objeto. As ideias simples da reflexão para Locke (1987, p. 90) são uma elaboração do entendimento a partir de algo sensível, não é possível explica-las pelas palavras se o sujeito não as perceber em si mesmo.

Para as ideias complexas, as palavras servem para descreve-las e conecta-las ao nome estabelecido. Deste modo é possível descobrir coisas sem se ter experiência com elas, através de uma descrição das ideias simples que a compõem (LOCKE, 1987, p. 103). Também as palavras neste caso, guardam a essência da espécie, conservando na palavra a constituição de ideias simples que a formam.

O nome dá ao entendimento acesso a essência nominal, que são as percepções que este tem do objeto, mas nunca dará a ele o acesso a essência real, ou seja, aquilo que o objeto é de fato (LOCKE, 1987, p. 113).

2.3 LINGUAGEM PÚBLICA E PRIVADA, E ABUSOS LINGUÍSTICOS

A dedicação de Locke sobre a temática da linguagem é abrangente, Tadié (2005, p. 23) comenta, “Para entender plenamente o conhecimento, parece dizer Locke, é preciso ter depurado a linguagem ou compreendido as razões de sua má utilização”. Locke acreditava que a maioria dos grandes problemas especulativos de sua época eram uma má compreensão das palavras. Havia abusos na utilização de um vocabulário complicado, que no ambiente acadêmico, pareciam ser o cume da especulação, mas que “são abrigos da ignorância e obstáculos ao verdadeiro conhecimento (LOCKE, 1987, p.5). Yolton (1996, p. 120) comenta a preocupação de Locke em sua “carta ao leitor”, a introdução de seu “Ensaio”:

Nesse esclarecimento adicional, Locke está procurando um vocabulário que o ajude a assinalar a necessidade de evitar discussões em torno de palavras, uma de suas principais preocupações nessa obra. Acredita ele que, se tivermos ideias precisas, determinadas, com os referentes para palavras, as disputas verbais podem ser minimizadas, dúvidas e controvérsias podem ter um fim.

Locke (1987, p. 119) descreve que a linguagem tem duas vertentes, e estabelece critérios para o funcionamento adequado das duas. Uma vertente é a linguagem privada, que seria a criação de termos para determinadas ideias feitas pelo sujeito sem uma abrangência social. O único critério exigido por ele para que a linguagem privada seja eficiente é que o sujeito sempre associe a mesma ideia a uma palavra contínua e permanentemente.

A segunda vertente é para a comunicação, que torna o homem sociável e permite a ele expressar suas ideias. Locke (1987, p. 116) pede uma conformação da linguagem, com a sua utilização comum para se expressar as ideias da mente. Não só para expressar algo já conhecido como também as ideias complexas elaboradas pelo interlocutor. Deste modo, segundo Sheridan (2010, p. 89) o discurso seria plenamente compreendido e alcançaria seu fim, a compreensão.

Tadié (2005, p. 191) apresenta as regras para a utilização das palavras que Locke propõe para que a comunicação alcance seu fim:

Locke propõe seguir algumas regras que uma palavra seja sempre usada em conexão com a ideia que represente, que a ideia seja clara, que o uso de uma palavra siga o seu comum, sempre mencionar a definição de uma palavra quando esta não estiver fixada pela linguagem ordinária ou for empregada em uma nova aceção, empregar uma palavra sistematicamente no mesmo sentido.

Locke (1987, p. 124) no final do terceiro livro do “Ensaio” buscou descrever os abusos da linguagem. Um deles é fazer uma palavra ser conhecida sem conexão alguma com a realidade por meio da imposição. Outro abuso, é por uma palavra, em um lugar que ela não pode estar, não observar a estrutura da língua na comunicação. E utilizar um termo, sem explicá-lo (LOCKE, 1987, p. 126).

Os remédios propostos por Locke (1987, p. 129) são uma utilização das palavras sugerindo as ideias que ordinariamente a elas foram anexadas e garantir a compreensão exata entre o interlocutor e o receptor.

As palavras estão conectadas as ideias de modo inseparável, elas são signos destas. A má elaboração das ideias, ou a falta da necessária percepção dos objetos pode formar ideias fracas e em alguns aspectos obscuras, resultando em palavras que não conseguem comportar a totalidade da coisa, ao qual se referem. Uma palavra perfeita, é aquela que transmite totalmente a ideia que ela significa, todo o conhecimento que ela comporta.

3. O CONHECIMENTO, ACORDO OU DESACORDO ENTRE IDEIAS

Locke (1987, p. 5) ao iniciar o “Ensaio” na “carta ao leitor” afirma que existe diferenças entre os entendimentos, “não são menos diferentes que nossos paladares”. O objetivo de Locke em sua obra era proporcionar um método onde todos estes “entendimentos” chegassem ao conhecimento de modo seguro. Depois de elaborar uma teoria da formação das ideias e da linguagem, o quarto livro sobre “conhecimento e opinião” é o resultado dos livros anteriores.

O conhecimento para Locke (1987, p. 135) consiste na “percepção de conexão e acordo ou desacordo e rejeição, de quaisquer de nossas ideias. Apenas

nisto ele consiste”. Na relação sujeito-objeto, surgem as ideias da percepção. Elas não são o conhecimento, seriam informações. O conhecimento é a capacidade de saber em que consiste o “vermelho” e perceber que este não é o “azul”, ou ainda na ideia complexa de uma maçã ter a capacidade de averiguar a conexão entre outras ideias simples que compõem esta ideia.

Somos propensos a dizer que os livros contêm conhecimento, podemos falar do livro do conhecimento, mas o que o livro contém é informação (ou desinformação). Uma vez que tenhamos entendido a informação, adquirimos algum conhecimento. Ocorre a mesma coisa no tocante à aquisição de conhecimento acerca do mundo a partir de nossa observação experiência de objetos e eventos: é a nossa aquisição de ideias sobre o mundo que nos leva ao conhecimento. Apenas ter ideias não é suficiente para o conhecimento; devemos perceber “a conexão e acordo, ou desacordo e rejeição” de nossas ideias (YOLTON, 1996, p. 59).

Existem quatro possibilidades de acordo ou desacordo entre as ideias, são elas; identidade ou diversidade; relação; Coexistência ou conexão necessária; e existência real. A identidade, é o primeiro ato da mente que percebe suas ideias e sabe o que cada uma é de fato, podendo a partir daí, ver a diferença com outras ideias (LOCKE, 1987, p. 135). Segundo Tadié (2005, p. 144), neste conhecimento a evidência é dada pelo nome, através do som e pela palavra escrita, antes da própria ideia. Assim se sabe que a palavra “branco” não é a palavra “vermelho”. A identidade tem a capacidade de saber o que é cada coisa.

O segundo tipo de acordo entre as ideias é denominado relação, que tem o potencial de confrontar as ideias e perceber suas conexões ou rejeições, ou seja, se existe na ideia complexa de uma maçã o sabor doce e a cor vermelha. O terceiro tipo de acordo, está relacionado com as substâncias, é a capacidade de perceber no objeto algum poder que coexista nele. Tadié (2005, p. 146) demonstra este tipo de acordo utilizando a ideias complexa de ouro que carrega consigo a ideia de indestrutibilidade ao fogo, ou fixidez, entretanto a ideia de ouro não traz em si de modo evidente esta característica necessária de ser indestrutível no fogo, como ocorre com a ideia de amarelo. O sujeito não percebe sem a experiência de submeter o ouro ao fogo, que ele não será destruído, entretanto, pela simples observação do ouro, ele perceberá que ele é amarelo.

Não é um caso de identidade onde se percebe no ouro as ideias simples que é composto como cor, forma, peso e outras sensações. É a percepção que na ideia de ouro contém necessariamente a ideia de ser indestrutível ao fogo.

Segundo Tadié (2005, p. 146), se fosse uma percepção de uma ideia simples, se teria a identidade, mas quando é a percepção de um poder, ou seja uma capacidade do objeto, uma ideia complexa, se resulta na coexistência.

O último tipo de acordo entre as ideias, é a existência real do objeto no mundo. Esse conhecimento se dá na concordância entre a ideia do entendimento e o objeto que produziu esta percepção. As ideias simples, de modo algum, podem ser criadas pelo entendimento, elas são provocadas pelos objetos e são percebidas pelos sentidos. No entendimento as percepções do objeto se tornam ideias. Se as ideias não são produtos da mente, mas do objeto, e se somente pela relação do sujeito com este objeto se obtém estas percepções, o objeto é extramental, ainda que todas suas propriedades não seja inteiramente conhecidas (YOLTON, 1996, p. 61).

Estes acordos de ideias são para Locke, tudo o que o entendimento pode alcançar como conhecimento. O entendimento possui dois modos de tratar dos acordos de ideias, determinados pela capacidade de trazê-las a “visão” do entendimento. Um denominado atual e outro habitual. O conhecimento atual, ocorre quando a mente tem clara “visão” do acordo e desacordo de quaisquer ideias. Já o conhecimento habitual, é composto por dois tipos. O primeiro, ocorre quando a mente consegue trazer a “visão” uma longa cadeia de acordos de ideias que resultou em um conhecimento. O segundo tipo, se dá quando a mente não se lembra da cadeia de acordos das ideias, mas só do resultado (LOCKE, 1987, p. 148).

O conhecimento possui três graus diferentes. O primeiro grau, é o mais evidente, se denomina intuitivo. Ele ocorre quando o entendimento imediatamente descobre o acordo e o desacordo de duas ideias por elas mesmas, sem necessidade de alguma outra ideia. O segundo grau de conhecimento, é denominado demonstrativo. Ele acontece quando a percepção de acordo e desacordo de duas ideias necessita de outras ideias. Essa ação de procurar provas, outras ideias, se denomina raciocínio. A mente não consegue ter todas as ideias juntas para que a percepção de acordo e desacordo se torne intuitiva. Entretanto na demonstração, cada etapa deve ser provada por um conhecimento intuitivo (YOLTON, 1996, p. 72).

O terceiro grau de conhecimento, é o sensitivo, que se refere diretamente ao tipo de acordo e desacordo de ideias denominado existência. É o conhecimento, que há um objeto que provoca no sujeito sensações. Locke (1987, p. 142), utiliza a sensação que se tem ao olhar o sol, e a ideia que se tem ao imaginar o sol de noite, para demonstrar que a sensação ao olhar o sol é mais forte que

imaginá-la. Se a sensação é mais forte que a ideia, e a percepção só ocorre com o objeto que provocou esta sensação, o objeto existe.

Locke estabelece um critério para diferenciar o que é de fato conhecimento ou fantasia. Esse critério distingue o que faz do conhecimento certo e real. Segundo a definição de Locke, o conhecimento é a percepção de acordo e desacordo entre as ideias. Nesta definição há um problema no qual seria possível obter conhecimento percebendo as diferenças entre um círculo e um quadrado quanto de um gato e um unicórnio (ainda que isso seja possível a nível das ideias). O conhecimento não fica limitado as ideias. A delimitação entre conhecimento e fantasia está na conformação das ideias com a realidade (SHERIDAN, 2010, p. 146)

Seguindo o critério de delimitação entre a fantasia e o conhecimento, como foi definido sobre as ideias simples que elas não podem ser invenções do entendimento, Locke, percebe que elas revelam algo do mundo. As ideias complexas, por sua vez, que podem tanto assinalar algo extramental como o gato ou uma fantasia como o unicórnio, podem ser verificadas pela experiência. No caso da ideia de gato o sujeito tem um conjunto de ideias que são observáveis na natureza, diferente da ideia de unicórnio que ele só possui na mente de modo unificado. “A ideia complexa do meu gato surge de muitas experiências diretas que tive de suas qualidades, que confirmam sua existência como uma coisa material (SHERIDAN, 2010, p. 149).

3.1 CONHECIMENTO, UMA RELAÇÃO ENTRE IDEIAS E PALAVRAS

Inicialmente o entendimento está vazio, lhe falta os materiais necessários, que são as ideias e as palavras, que possibilitarão o conhecimento, a percepção de acordo e desacordo entre as ideias.

Os sentidos inicialmente tratam com ideias particulares, preenchendo o gabinete ainda vazio, e a mente se familiariza gradativamente com algumas delas, depositando-as na memória e designando-as por nomes. Mais tarde, a mente, prosseguindo em sua marcha, as vai abstraíndo, apreendendo gradualmente o uso dos nomes gerais. Por este meio, a mente vai se enriquecendo com ideias e a linguagem, materiais com que exercita sua faculdade discursiva. E o suo da razão torna-se diariamente mais visível, ampliando-se em virtude do emprego desses materiais (LOCKE, 1987, p. 16).

Para Locke o conhecimento depende das ideias, e é por meio da conformidade que elas possuem com a coisa que se resulta em um conhecimento real. Por isso a necessidade que as ideias possuam clareza e distinção, e não sejam obscuras. Pois sem clareza, haveria confusão a tentar perceber se existe conexão ou rejeição entre as ideias.

As ideias simples possibilitam diretamente o conhecimento sensitivo, pois são provocadas pelos objetos extramentais. É o objeto que provoca de maneira regular e natural algumas sensações que são percebidas pelo sujeito. A ideia de “brancura”, é o poder que o objeto possui de provocar esta sensação, de branco, ao sujeito. É por meio desta relação que se fundamenta o terceiro grau do conhecimento, o sensitivo.

A experiência é fundamental para o conhecimento da reunião de diversas ideias simples em uma substância. É pela experiência que se alcança o conhecimento de identidade e coexistência. Locke (1987, p. 75) explica que no caso do “ouro”, um joalheiro possui ideias mais claras sobre ele que um filósofo. O joalheiro possui pela experiência ideias claras e o filósofo pela especulação ideias obscuras ou falhas. O valor do conhecimento está ligado a valorização do contato, a experiência, que ocorre entre o sujeito e o objeto. A linguagem é falha em relação a experiência. No caso das ideias complexas, os nomes não conseguem revelar a totalidade da coisa, por isso é necessário a experiência (LOCKE, 1987, p. 163).

As palavras são úteis para o conhecimento enquanto são signos das ideias. Elas permitem aos homens exporem cadeias de raciocínios, e que, pela escrita podem ser conservados, em um lugar mais seguro que a memória. A necessidade de Locke de escrever sobre a linguagem é uma influência que recebeu por ter sido membro da Royal Society⁷ que preconizava o bom uso da linguagem para o progresso do conhecimento (TADIÉ, 2005, p. 193).

O conhecimento, é derivado diretamente da experiência. Entretanto, para o conhecimento de ideias complexas há a possibilidade de descreve-las por meio das palavras. Pelas palavras, o sujeito pode ficar sabendo da existência de um rei antigo, sem necessariamente conhece-lo empiricamente (RUSSEL, 1980, p. 85). Deste processo resulta um conhecimento descritivo. A comunicação da ideia complexa na descrição, se dá pela utilização de palavras que reparam

⁷ The Royal Society of London for Improving Natural Knowledge (A sociedade real de Londres para a melhoria do conhecimento natural) é um instituição destinada a promoção do conhecimento científico fundada em 1660.

as ideias simples, pelas quais, esta ideia complexa é formada.

A verdade e falsidade do conhecimento estão ligadas as ideias e as palavras. Quando existe uma conexão entre uma ideia e um nome, é possível avaliar se o conhecimento é verdadeiro ou falso, utilizando as próprias ideias ou por meio de seus signos escritos, ou sonoros. É possível imaginar as cores vermelho e preto e perceber o desacordo entre elas, como também é possível imaginar, ou ver, as palavras “vermelho” e “preto” e perceber o desacordo pela própria palavra (LOCKE, 1987, p.159).

Locke (1987, p. 161), também classifica para as proposições um conhecimento verbal e outro real. No conhecimento verbal a ideia que é provocada na mente não está em acordo com a realidade, por exemplo, “uma maçã é um animal”. Esta ideia não possui existência extramental, só existe enquanto está na mente do sujeito. Em uma proposição que apresenta “a maçã é vermelha”, e esta maçã, que é extramental, possui esta cor, então há um acordo, entre a ideia e a realidade. Logo o resultado é um conhecimento real.

Se a percepção resultou em uma ideia clara, a palavra que é signo desta também abarcará a totalidade da percepção, assim as ideias e palavras são os meios para fazer o conhecimento progredir. A linguagem existe para expressar as ideias, sem as ideias, a linguagem ficaria muda. Ambas, ideias e palavras, permitem o conhecimentos. O sujeito pelas ideias conseguiria ter o conhecimento de muitas coisas, mas é a linguagem que faz o conhecimento progredir socialmente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A preocupação de Locke para se chegar ao conhecimento e seus limites resultou em seu “Ensaio acerca do entendimento humano”. Nele, há a busca para compreender o que o entendimento pode alcançar, as relações entre suas faculdades e o corpo, e de que modo os sentidos permitem um contato com o mundo extramental.

A experiência é o princípio fundamental do pensamento de Locke, é por meio dela que o entendimento se enche de ideias e depois de palavras. Ainda que estes dois signos sejam os mais claros e distintos, eles nunca conseguirão revelar a totalidade da percepção da experiência. A experiência não é o fundamento do conhecimento humano, mas manifesta seu limite. O limite do conhecimento não é apresentado como uma impossibilidade de estabelecer

uma relação com o mundo. Ele é o modo como o entendimento pode lidar com o mundo, a partir das experiências que faz com o mesmo.

Neste limite, o homem deve ir aperfeiçoando as ideias que tem sobre as coisas. Distinguindo e esclarecendo a composição de ideias simples e complexas que subsistem nos objetos. Assim, com uma ideia clara e distinta, dentro do limite do conhecimento, dado pela experiência, com um som anexado a ideia, que é um conjunto de sensações, que se revelam ao sujeito como um conjunto de percepções, o resultado será uma palavra, que realizará uma comunicação mais efetiva, e favorecerá o progresso do conhecimento em nível social.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ADELL, E. A. de A. **A linguagem e os signos nas teorias do conhecimento no século das luzes**. 2016. 151f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

AYERS, Michael. **Locke**. São Paulo: Editora UNESP, 2000. (Coleção grandes filósofos).

HESSSEN, Johannes. **Teoria do conhecimento**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HUME, David. Investigação sobre o entendimento humano. In: _____. **David Hume**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. 23v. (Os pensadores).

LOCKE, John. Ensaio acerca do entendimento humano. In: _____. **John Locke**. São Paulo: Nova Cultural, 1987. 9v. (Os pensadores).

MARCONDES, Danilo. **Filosofia, linguagem e comunicação**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MOREIRA, Camila Bozzo. **Sobre o conceito de intraduzibilidade na teoria da linguagem presente no Ensaio sobre o entendimento humano, de John Locke**. 2017. 365f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

PLATÃO. **Crátilo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dário. **História da filosofia**: Antiguidade e Idade Média. São Paulo: Paulus, 2003. 1v. (História da filosofia).

———. **História da filosofia**: De Spinoza a Kant. São Paulo: Paulus, 2004. 4v. (História da filosofia)

RUSSELL, Bertrand. **Os problemas da filosofia**. Coimbra: Arménio Amado, 1980.

SHERIDAN, Patrícia. **Compreender Locke**. Petrópolis: Vozes, 2010.

TADIÉ, Alexis. **Locke**. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. 10v. (Figuras do saber)

YOLTON, John W. **Dicionário Locke**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

